

580695067
158
03550
160.08

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIENCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

G.H. e Macabéa: duas faces da mesma moeda

GENI DE ALMEIDA CASTRO

Pontes e Lacerda

2006

alma-2006/1

BIBLIOTECA
INEMAT
Cat. de Livros de Pontal do Sul - MT
R.O.N. 00114515
Data 25 / 07 / 06
() Compra (X) Doação () Permuta

invidiosos e odiosos

GENI DE ALMEIDA CASTRO

G.H. e Macabéa: duas faces da mesma moeda

Pontes e Lacerda

2006

GENI DE ALMEIDA CASTRO

G.H. e Macabéia: duas faces da mesma moeda

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Isaac Newton Almeida Ramos

Pontes e Lacerda

2006

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Msc. Isaac Newton Almeida Ramos

Orientador

Profª. Msc. Renata Beatriz Brandespin Rolon

Convidada

Prof. Marinete

Indicada pelo Departamento

Pontes e Lacerda – MT, 21 de Junho de 2006.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por sua infinita bondade, que soube compreender meus anseios concedendo-me coragem e ânimo para atingir o meu objetivo, na certeza de que estará comigo me dando forças e sabedoria para o futuro.

Ao meu esposo Antônio e aos meus filhos, Éderson, Vanderson, Janderson e Lucivânia, pela compreensão e dedicação na minha ausência, enquanto o dever acadêmico me chamava. Serei eternamente grata por todas as vezes em que minhas lágrimas e sorrisos foram acolhidos por vocês de uma maneira singular. Minhas noites mal dormidas foram assistidas por vocês com olhar sereno, refletindo a esperança de que tudo valeria a pena.

À minha mãe, meus irmãos, sobrinhos e a todos que intercederam por mim em suas orações.

À minha nora Patrícia e a Néia pelo apoio.

A todos meus amigos do semestre anterior, Rosineide, Rosemar, Alexandro, Gracilene, em especial, Rosenir por intermediar o contato entre mim e o meu orientador.

A todos os meus colegas de turma, que por um ou outro motivo me ajudaram em especial a Madalena e a Lurdes pelo companheirismo nesta jornada; Eli, por digitar os meus trabalhos de boa vontade e sempre estar com seu sorriso; Gisele pelo apoio.

As minhas colegas de trabalho: a Cleusa, a Rosenir, a Juvelina, a Aldenora e a você Iracema por compartilhar com meus anseios e entender o meu silêncio.

Aos demais funcionários da Escola Dormevil Faria, que direto ou indiretamente contribuíram comigo com materiais didáticos e orientações; Nazira, Margarida, Alcione Fátima, Vanda; ao Amasilio e a Maria Luiza por me aceitarem em suas salas na minha regência, ao Claricindo pelo incentivo e aos demais funcionários.

Aos meus professores que oportunizaram e incentivaram nesta jornada; A Antonia Selma e a Isabel, que tinham a minha vitória como um sonho a ser realizado, a Cleunice e a Mércia por acolherem a todos.

Ao meu orientador e mestre professor Isaac Ramos, pela força de vontade, pelo incentivo e pelas palavras animadoras, por acreditar no meu potencial. À professora Renata Rolon pelo apoio.

A todos pelos sorrisos, pelas palavras encorajadoras, que seria importante citá-las: Você vai conseguir! Não pode parar! Vá em frente! Isso quando percebiam meu desânimo. Valeu! Vocês me transmitiram forças nos momentos que eu mais precisava para chegar aqui.

Hoje neste momento em que a vitória se concretiza é para vocês que eu ofereço com toda a minha gratidão O meu muito obrigado!

Geni

**Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao
meu esposo Antônio e meus filhos Éderson,
Vanderson e Janderson.**

“... Ah viver é tão desconfortante tudo apertado, o corpo exige, o espírito não para, viver parece ter sono e não poder dormir, viver é incomodo. Mas não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito”.

Clarice Lispector

SUMÁRIO

Apresentação	12
O Ponto de Vista do Narrador	13
GH e Macabéa – As duas Faces da Moeda	22
Recursos Estilísticos	30
Considerações Finais	39
Referencias Bibliográficas	41

APRESENTAÇÃO

A leitura é uma forma de percebermos a realidade humana que expressa através da linguagem é uma forma de refletir sobre a sociedade e seus problemas existenciais.

O interesse pela literatura comparada deu-se a disciplina Teoria e Análise da narrativa no terceiro semestre, tivemos a oportunidade de trabalhar com estudos comparados em contos e fragmentos de obras literárias, tendo como professor o Sr. Isaac Newton, e isso nos despertou o interesse por análise comparada.

Por meio de algumas pesquisas realizadas estaremos analisando as obras claricianas, ou seja, *A Paixão Segundo GH* e *A Hora da Estrela* obras da autora Clarice Lispector, objetivando fazer um análise comparativa e formal abordando algumas convergências em relação as obras de Machado de Assis e também Guimarães Rosa.

Nosso trabalho será dividido em três capítulos, se que o primeiro abordará o ponto de vista do narrador e o segundo capítulo diz respeito a GH e Macabéa, as duas faces da mesma moeda. E no terceiro capítulo faremos referencia aos recursos estilísticos das obras.

O PONTO DE VISTA DO NARRADOR

A composição do romance *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, sugere uma forma de representação da desigualdade social, que ao mesmo tempo original e significativa. Trata-se de uma estrutura em camadas, sendo que a camada inferior surge sempre como um prolongamento ou uma projeção da camada superior. No nível mais externo situa-se a autora Clarice Lispector desdobrada em personagens.

Neste caso aqui citamos o narrador Rodrigo S. M. torna-se um narrador onisciente. Ele é uma entidade criada por Clarice para narrar seu texto, que cria a personagem Macabéa, cuja história é o enredo explícito da obra. Sendo assim, o narrador, apesar de fazer parte da história, não contra um fato acontecido com ele, e sim com a invenção de seu personagem que poderia ser real.

A narrativa desvenda a sua problemática interior na medida em que faz conhecer seu protagonista, também se mostra, descobrindo a sua própria identidade.

Segundo Walter Benjamin

a narrativa não está interessada em transmitir o *puro de si* da coisa narrada, como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador, para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime a narrativa, a marca do narrador como a mão do oleiro, na argila do vaso. Os narradores gostam de começar suas histórias com uma descrição de circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (p.205).

Em *A Hora da Estrela* são apenas em dois momentos em que Clarice explicita a sua posição de autora do romance. A primeira intervenção são os parênteses descritos (Na verdade Clarice Lispector) que apareceu como subtítulo na *dedicatória do autor* e também já de uma forma mais explícita é a assinatura na página seguinte que destrói a disposição gráfica dos treze títulos cuidadosamente organizados para formar a ponta de uma estrela e/ou uma pirâmide social.

A ambigüidade do primeiro gesto diz respeito a questão da autoria em si, ao intervir como Clarice Lispector no interior de um romance assinado por ela, instituindo-se como personagem de si mesma, aparecendo como uma das múltiplas facetas ou mascaras de Clarice autora.

O segundo aspecto dessa interferência em que a autora invade o espaço do narrador Rodrigo S. M., por ela mesmo instruído, não é senão uma repetição desse mesmo desdobramento num outro nível. Aparecendo assim três níveis de autoria, não havendo apenas um autor, e sim um complexo autoral, cuja estrutura de camadas sobrepostas, denuncia a desigualdade eterna de sua organização, estabelecendo uma correspondência perfeita com a estrutura do universo ficcional do próprio romance. Essa questão do *outro*, como desdobramento do *eu* já esta presente desde seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*.

Na estrutura desdobrável Clarice, Rodrigo Macabéa se espalham entre si, como identidade intercambiáveis, segundo Benedito Nunes Clarice Lispector ou o naufrago da introspecção, conforme consta no livro *Uma vida que se conta* Nadia Bastella.

O que temos afinal trata-se de uma dialética dos gêneros. O feminino de Clarice tem por contraponto o masculino de Rodrigo, que deságua num neutro de Macabéa. Essa estrutura de identidade revela uma configuração, que não há limites entre um nível e outro, ocorre uma divisão, mas sem separação completa, havendo sempre um elo no nível superior ou no posterior, sem constituir uma identidade independente. Constitui-se em um tipo de relação hierarquizada, que ocorre em uma direção, de cima para baixo.

Assim como Rodrigo desconhece a sua personagem de Clarice, posando como autor absoluto de Macabéa, que por sua vez, não sabe da existência dele e de Clarice, representando um nível extremo de inconsciência. “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse, teria para quem rezar e seria salva, mas eu tenho plena consciência dela, através dessa jovem, dou meu grito de horror à vida” (Lispector, 1998, p.33).

Assim o narrador expressa de maneira convicta que Macabéa não tinha consciência de si e, segundo ele “encontrar-se consigo própria era um bem que ela então desconhecia” (Lispector, 1998, p.42). Porém sabemos que ele a conhecia e fala por ela, como se Macabéa tivesse a necessidade de encontrar-se consigo mesma “A multiplicidade de vozes distribui-se em duas vozes gerais, a voz dos dominadores e a voz dos dominados. As vozes se conjugam como máscara que alternadamente encobrem o narrador, hostilizam-se sem que uma silencie a outra” (Schuler, p.33).

Rodrigo S. M. narrador de *A Hora da Estrela* representa a perspectiva da narrativa, o ponto de vista do intelectual, ele também é o foco de convergências de todas as relações em que o romance se desdobra.

A ambigüidade manifesta-se em nível de uma sobreposição de papéis ou de funções que dificultam a delimitação da perspectiva narrativa e dos próprios personagens de tal modo se acha tudo imbricado “O narrador dirige-se ao leitor e o próprio narrador. Sendo o narrador o primeiro leitor, é também o seu primeiro crítico. O leitor, que cada narrador tem dentro de si mesmo, manda substituir palavras, iluminar capítulos, introduzir outros, caracterizarem melhor certas personagens, reescrever tudo ou parte de todo” (Schuler, p.36).

Os dois romances são narrador em primeira pessoa. GH é escultura, Rodrigo S. M. é escritor. Ambos procuram dar rumo e forma às coisas, seja pela escultura, seja pelas palavras. Representam tipos de seu estrato social.

Segundo Olga de Sá (1993), a narrativa de Clarice Lispector pode ser considerada, como uma escritura, assim como os livros sagrados. Por apresentar-se em constantes estado de composição como se estivesse inacabado, assim comportam-se os textos claricianos, trazendo toda uma carga de questionamentos sem respostas. “O escritor tem de destacar uma fala segunda de visgo da fala primeira que lhe fornecem o mundo, a história, sua existência. A tarefa do escritor é inexprimir o exprimível”. (A escritura de C. L. p. 21).

A escritura clariciana deixa transparecer certa inquietação pela falta de respostas para as indagações da linguagem e do próprio homem. Mas é justamente a falta de respostas que motiva o ato da escritura, como atesta o narrador Rodrigo S. M. de *A Hora da Estrela*, com o qual Clarice Lispector de certa forma, troca experiências de identidade, quando diz “enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever” (*A Hora da Estrela* p.11).

Os narradores protegem-se do mundo “real” em suas celas – GH em sua cobertura, Rodrigo S. M. em seu cubículo de onde escreve. O contato com o outro de classe rompe o conflito material e pessoal, levando a uma angustiada reflexão sobre o “eu” e o “outro” sobre a realidade e a alienação.

Em *A Paixão Segundo GH*, pode ser considerado um marco, ao mesmo tempo em que Clarice, reafirma as questões metafísicas dos romances anteriores, traz também o problema da luta de classes, esse mesmo aspecto também aparece no último romance publicado em vida da autora. *A Hora da Estrela* apresenta este choque entre conflitos pessoais e conflitos sociais.

Em *A Paixão Segundo GH* a história é narrada pela personagem narradora, a própria GH. Que conta o fato ocorrido no dia anterior. A história inicia com uma

preparação mental, para iniciar uma arrumação em seu apartamento, e através desta arrumação do quarto da empregada despedida, GH descobre um mundo distinto de seu. Ela se espanta com a arrumação do quarto que pensava desarrumado, com um desenho a corrimão feito na parede e com uma barata. A partir desta experiência das coisas inusitadas que encontra, ela passa a refletir sobre si, sobre a existência e sobre “Deus”.

A narrativa clariciana busca a percepção insondável do ser humano, onde o belo, o grotesco, o banal e o sublime, mesclam-se numa linguagem que reflete e deixa transparecer o homem em sua agonia e alegria de vida, cria um ambiente que evoca os mais contraditórios sentimentos humanos, o homem em constante busca.

A linguagem utilizada é bastante figurativa, cheia de símbolos, e a composição se parece com a narração de um sonho. Não se trata de um texto linear, mas de uma narrativa que faz o tempo parar. O evento contado passa em algumas horas. O estilo mescla a narrativa com reflexões, imagens e símbolos que remetem a significados aparentemente herméticos.

A narradora GH deixa transparecer na narrativa uma preocupação com a existência humana, ela mergulha no seu próprio interior, questiona, analisa a posição social, comparando-a ao seu modo egoísta de viver e ver as coisas “...GH era uma mulher que vive bem, vivia na sua camada das areias do mundo e as areia nunca haviam derrocado de baixo de seus pés” (GH. P.68).

GH brinca com as palavras coloca como representante se “eu”, fala de si mesma na tentativa e na busca de um novo “ser” no mundo. “Não tem pessoas que cosem para fora, eu coso para dentro”. Nesta fala fica claro que mesmo com as inovações da época mostra seu lado diferente.

O momento de reflexão se inicia quando GH depara-se com a barata, sentindo repugnância, reflete sobre as questões humanas, e faz uma longa e difícil avaliação de sua própria existência, na qual sempre fora resguardada e acomodada. Nesta transformação não é mais a mesma criatura de antes, começa a libertar-se do mundo alienado em que vivia.

Aquele inseto era para GH como um ser humano, que agia e pensava como tal. GH a reconhecia como um semblante, como “Olhei a barata, e eu a odiava tanto que passava para seu lado, solidária com ela, pois não suportaria ficar sozinha com minha agressão” (Lispector, 1998, p.58).

Podemos nos referir a isto como a outra humanização da barata, ou seja, o processo que dota o animal de características humanas. GH percebe no olhar da barata a

expressão de quem parece ansiar por transmitir algo. “A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado, brilhante e neutro. E agora eu começava a deixá-la me tocar” (Lispector, 1998, p.88).

Em outro momento volta a mencionar, “Ali estava eu, boquiaberta e ofendida e recuada, diante do ser empoeirado que me olhava. Toma o que eu vi, pois o que eu via era a vida me olhando” (Lispector, 1998 p.57). e continua o momento mais carregado de analogias entre o inseto e a forma humana se dá quando GH a compara à mulher. “Olhei-a com aquela sua boca e seus olhos, parecia uma mulata a morte. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva” (Lispector, 1998, p.56). Esta expressão, “olhos de noiva” refere-se a idéia de que GH estaria preste a inaugurar um vida nova.

Ainda através da visão com a barata a narradora dá a barata um sentido histórico, colocando como a um ser que acompanhou toda a transformação do mundo, “Saber que elas já estavam na terra, iguais a hoje, antes mesmo que tivesse aparecido o primeiro dinossauro” (Lispector, 1998, p.48).

Neste caso a barata representa a realidade social, onde as pessoas que não acompanham a evolução do mundo, acomodando-se diante das transformações acabam sendo “esmagadas” pela própria sociedade, assim como a barata foi esmagada na porta do armário, uma criatura sem evolução.

Nesse contexto entendemos a função dos animais na prosa clariciana. A epifania é a maneira de “desvendar a vida selvagem que há sob a aparência das coisas” (Sá 1993, p.136). Isto é expresso pela posição privilegiada que Clarice concede aos bichos em suas obras, eles são agentes reveladores do potencial selvagem de cada ser. Por isso seu universo é povoado por animais.

A existência em estado bruto permanece intocável nos animais, apesar da domesticação, ao contrario do homem que se anula diante da civilização. Os animais não precisam abrir de sua existência em detrimento de uma convivência social. Eles habitam na terra como são e sem mascaramentos. “Há trezentos e cinquenta milhões de anos elas as baratas, se repetiam sem se transformarem”.

Num outro momento GH humaniza a barata e parece colocar-se no lugar dela e a fazer questionamento, será que a barata também o observava e fazia seus julgamentos. “Sentiria ela em si algo equivalente daquilo que meu olhar via nela” (p.93). Através dos olhos da barata GH refere aos seus ovários, através da massa branca que sai de dentro da barata, ela faz uma ligação de um aborto praticado por GH no passado. “Quando chegava de noite eu ficara resolvendo sobre o aborto resolvido, ... naquelas noites todas

eu pouco enegrecia de meu próprio plâncton assim como a matéria da barata amarelecia, ...(p.92.

Ainda a massa da barata, representa o lado oculto e obscuro do ser humano que só é exteriorizado no momento em que a pessoa sai completamente de si, diante de uma situação, por exemplo, de raiva. “o que nela é exposto é o que em mim eu escondo, de meu lado a ser exposto fiz o meu avesso ignorado” (p.77.

De forma inversa da idéia de antropomorfização da barata em GH, se preocuparmos definir atentamente os contornos da Macabéa, veremos que ocorre um recurso constante de amputar-lhe caracteres um tanto animalizados, o que está presente no fato, além de tantos outros, de ela própria não se dar conta de que é um ser humano. Segundo Nádía Gotlib, Macabéa vive entre pensamentos estranhos e banais como, por exemplo. “Você sabe que a gente pode comprar um buraco” Macabéa não tinha consciência alguma de sua existência.

‘Estava acostumada a esquecer de si mesma. Nunca “quebrara seus hábitos, tinha medo de inventar” (Clarice, 1998, p.49). Assim como um animal, Macabéa não agia diferentemente em nenhum momento, estava habituada a viver condicionada sempre aos mesmos hábitos.

Rodrigo S. M. afirma que Macabéa não sabia o que era felicidade, mas pensava que era feliz. Esta idéia de coisificação, ou se preferirmos, animalização da personagem de *A Hora da Estrela* é confirmada pelo próprio narrador quando afirma, “Essa moca não que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (Lispector 1998 p.27).

// A personagem central, Macabéa do romance *A Hora da Estrela* é toda narrado por Rodrigo S. M. moca simples que veio de uma região do nordeste, e estabelece no Rio de Janeiro, é tida como mulher miserável que não tem consciência de si, perde sua tia e o refugio é buscar outros rumos, a cidade grande. Aluga um quarto começa a trabalhar como datilógrafa, ocupando no país o lugar de proletariado.

Nas horas vagas, ouve a rádio relógio, único divertimento para ela, descobre através deste meio de comunicação algumas palavras novas, mas não as compreende. Começa então namorar um rapaz de nome Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino, que pertence a mesma classe trabalhadora, no entanto um homem ambicioso, que no decorrer do enredo troca Macabéa por Glória.

Rodrigo S. M. ao narrar a história de Macabéa se esconde atrás da personagem, mas que nas entrelinhas revela a própria autora. Obra concisa num monólogo que é a

revelação suprema de uma psicografia de Clarice. “Antes de tudo captei o espírito da língua e assim as vezes a forma é que faz o conteúdo. Escrevo portanto, mais por causa da nordestina, mas por motivo grave por “força maior” como se diz nos requerimentos oficiais por “força da lei” (p. 23).

Sendo assim fica implícito que a nordestina inspira compaixão, é vista como problema social, pois esta dentro da classe carioca, representando o nordeste, localidade do país que tem pouco para oferecer comercialmente, esta região é explorada por discursos políticos no uso de uma oratória demagoga, ao qual trabalho de conscientização social, referente ao homem é pouco realizado.

A masculinidade também pode ser vista como marca de denominação social. Porque Clarice já conhecia, pelo tratamento intimista dada as suas protagonistas, em geral mulheres da classe media ou da burguesia (exeto algumas obras). Ao criar um narrador homem, Rodrigo S. M. para contar a historia de Macabéa, a autora começa a estabelecer o debate com o seu tempo. Esse narrador é homem, porque, como ele diz “escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector p.28).

Sendo assim podemos perceber que certos assuntos devem ser reservados ao sexo masculino e, além disso, o problema prossegue quando o escritor alerta que existe também um estilo próprio para contar o historia da moça nordestina. “Há de ser antigo, sem modismo, a guisa da originalidade” e mais “E nada de palavras enfeitadas, adjetivos esplendorosos ou substantivos carnudos” (Lispector, p.27-29).

Ele esta discutindo, sobretudo, a autoria feminina, e também retrata que o narrador tem de usar a linguagem de acordo com a classe social que a personagem representa, e a mesma representa na população as grandes diferenças sociais, com a exploração do trabalhador, com a deslealdade, a opressão de poder entre patrão e empregado, era uma nordestina pobre que, vendia seu trabalho a menos de um salário mínimo. “É que a matéria é pobre e ele tem de falar simples para captar sua existência humilde” (p. 29).

Lucia Helena encara a obra literária como um campo aberto para questionamentos de duas imposições sociais. “A ideologia da classe dominante e a coerção de signos de que se utiliza” (1978, p.24).

As obras claricianas encerram enquanto texto, mas permanecem insolúveis tanto para quem lê, quanto para quem produz. O narrador questiona exatamente porque desconhece as respostas as respostas e não para por o leitor a prova, o narrador neste

caso desenvolve sua história sob a carência de soluções, ele busca a do leitor neste entroncado jogo de representação.

“A estrutura de Clarice não nomeia o inominável, não designa o interminável como se fosse um objeto do mundo, um fato determinado, ao contrário, através do esforço e do malogro de sua linguagem, ela faz sentir que algo escapa e resta não determinado, não apresentado, ela inscreve uma ausência alude ao que se junta da obra, pois serve de sustentação aos vários núcleos do livro, promovendo a quebra da toda ilusão e conduzindo a atenção do leitor a materialidade da escrita ao modo como ela foi feita” (Berta Waldmam, p.78).

O narrador Rodrigo S. M. escritor de Macabéa, é duplamente suspeito, primeiro porque é intelectual falando sobre uma mulher do povo e reafirmando seu preconceito, depois porque usa a miséria de sua protagonista que se torna mais lastimável sob sua escrita para não parecer ele mesmo, tão miserável.

Ela vai sendo construída junto e no discurso de Rodrigo. Ele é quem denuncia quem chama atenção do leitor para suas contradições, seus temores. Ao lhe dar a fala, Lispector o incumbia também de ser humano forte o suficiente para esmagar o outro, fraco o bastante para deixar cair a própria máscara.

Há muito mais do que desprezo na relação de Rodrigo com Macabéa. A jovem nordestina, que segundo ele “É virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (Lispector, p.28). “Ela é incompetente como datilógrafa e seu corpo é cariado, dir-se-à que havia brotado na terra do sertão em cogumelo logo mofado” (Lispector, p.44).

Antonio Candido descreve sobre a personagem de ficção em relação ao leitor, que é “como se outra pessoa entrasse nelas e unisse inesperadamente sua área de existência” (Candido, 1995, p.56). Ele afirma que as informações obtidas da personagem são o suficiente para que conheçamos a mesma e tenhamos uma idéia completa de sua vida, sendo o escritor responsável pelo seu modo de ser, a personagem se torna mais lógica e revela mais do seu interior que o próprio ser vivo.

O narrador não permite que Macabéa conheça o seu grande poder de transformação, prefere um final chocante, parecendo estar protegendo a personagem dos problemas alheios a sociedade e ainda evitando que a mesma questionasse o seu mundo.(..... Só uma vez se fez uma trágica pergunta *Quem sou eu* _ assustou-se tanto que parou completamente de pensar” (p. 32. É o que diz Berta Waldmam

Entre a palavra e o silêncio, entre o que diz e o que está implícito em seu dizer, situa-se o texto de Clarice.... Se

quisermos saber o que diz o texto devemos interrogar o seu silêncio. (1983, p.78).

O desdobramento do “eu” no “outro” é nítida nos dois romances GH ao entrar no quarto da empregada, depara-se com um mural na parede, no qual ela vê “um contorno de um homem nu, de uma mulher nua e de um cão que era mais nu do que um cão” (p.39). Este mural funciona como espelho de GH. Ela observa e percebe que tudo representava e revelava a alucinação social e espiritual dela mesma. “A figura na parede lembrava-me alguém que era eu mesma” (p. 41).

A personagem narradora era alienada, só vivia para si, sem se preocupar como os que estavam a sua volta. O mesmo acontece com o resto de Macabéa olhando-se no espelho que se transforma no rosto “barbudo e cansado” do narrador.

A história da nordestina constrói-se assim a partir dos limites da própria perspectiva do romance, a partir de um olhar que se assume enviesado.

A grandeza da obra talvez esteja na plena aceitação desse confronto. Assim como a personagem Macabéa se impõe através de suas limitações e até mesmo da própria morte, a própria perspectiva narrativa ganha consistência ao realizar este confronto com as próprias contradições, ao realizar a despeito de si mesma essa difícil epifania do outro.

Em *A Paixão Segundo GH* o monólogo interior demarca o limite que separa o indivíduo de sua real condição humana. Pela queda do eu social, G.H. descobre sua mais profunda e real essência enquanto vivente. O romance busca levar o leitor a reflexão sobre a condição social como “freio” às realizações plenas do homem num mergulho interior simples, surpreendente.

GH E MACABÉA – As duas faces da mesma moeda

Em, *A Hora da Estrela* a personagem protagonista tem por denominação Macabéa, reduzido ao apelido de maca, imagem irônica dos sete Macabeus, personagens bíblicos.

No entanto a força do nome Macabéa antecedeu seus dias, na sua infância fora prometida a Nossa Senhora da Boa Morte e se vingasse levaria o nome de Macabéa. “Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte, e se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada, porque não tinha nome, eu preferia a continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo” (Lispector, 1997, p. 43)

Em, *A Paixão Segundo GH* a personagem narradora também tem um nome desconhecido, indiciado pelas primeiras letras, que frequentemente acontece nos textos claricianos que representam a questão do *nomear* e do percurso que experimenta nessa procura do *nome* da própria identidade. Nas palavras de Clarice Lispector “GH era ela falando sobre ela mesma (.....) que ela conseguia um nome, que até na valise, na mala, GH”.

Segundo Olga de Sá, é porque de certa forma “perdendo o nome GH identifica-se com todos os seres” (1993, p.260). GH em, *Paixão Segundo GH*, tem o papel de protagonista, sendo uma mulher de classe alta, que morava nas coberturas do prédio, onde podia ter uma vista ampla dos moradores abaixo que representava, *o poder*, e o mundo pequeno visto por GH do alto do prédio, representavam as classes desprivilegiadas.

GH compartilha dos preconceitos de seu grupo social. Quando olha para o poço do prédio, da área de serviço, vê a escuridão que ali se apresenta na forma de sujeito, lembra dos operários que construíram o prédio. A fachada branca, a parte visível contrasta com esta parte escondida. A partir daí é que ela percebe a importância do suor daqueles que edificaram as construções embora que isso lhe causasse certa repugnância.

Esta percepção introduz a contemplação desta parte do apartamento, própria do mundo do trabalho. Ela precisa passar pela área de serviço para chegar no quarto da empregada.

Quando chega não consegue lembrar da figura de Janair, só se lembra que ela é negra. Este olhar é tipicamente preconceituoso. Ao adentrar no quarto teve uma grande

surpresa, pois pensava encontrar um quarto bagunçado e sujo, mas o mesmo estava impecavelmente limpo, no entanto ali depara com uma barata.

Enquanto aprecia a paisagem da janela do quarto, GH sente inveja da vista que Janair tinha, parece que sua concepção não permitiria nem o prazer da personagem para a empregada. Havendo um paradoxo, o quarto parece ser superior ao resto do apartamento. “Aquele Janair nunca, pois havia fechado a janela, aproveitava mais do que eu da vista que tinha da cobertura” (1998, p.42).

Ao entrar no quarto GH depara com um desenho feito por Janair, na parede. Este desenho é tosco, o que contrasta com a sua própria experiência artística. GH é escultora, embora também não se considere uma artista. O desenho a faz sentir-se representada por Janair, percebe ali a representação de ódio de classe, e GH imagina Janair uma rainha africana.

As representações que GH faz de Janair são mais simbólicas do que realistas, a imagem de Janair como rainha e a própria negritude são mais um contraste em relação a GH do que uma questão ideológica. O ideológico se esvai à medida que ganha um caráter simbólico, a valorização social vai representar algo para a experiência existencial da própria GH.

A Paixão Segundo GH, é um intenso mergulho no mais íntimo do ser humano. “Somos criaturas que precisam mergulhar na profundidade para lá respirar”. (p. 114) No romance há outras personagens, mas estamos analisando apenas GH, a narradora, a barata que, é causadora da epifania, é esmagada, morta e comida num ato simbólico de um mergulho no inconsciente fazendo uma viagem interior como uma permanente revelação do ser.

Ao mesmo tempo em que é uma maneira de experimentar a existência e retornar ao cotidiano, uma maneira de atingir a verdade, por isso podia assumir o topo da hierarquia social. GH vive sua experiência a partir do despojamento de si e de todas as coisas que a cercam como uma forma asceticismo.

GH vive uma experiência mística em que a adesão ao ser superior foi obtida através da essência dos seres. Comungar a barata foi uma tentativa de não transcender, mas o ato terá, como é de costume na obra clariciana, um caráter paradoxal. A transcendência surge exatamente, do desejo de não transcender.

A Paixão Segundo GH, reside no relato de seu longo e místico mergulho em busca de conhecer a si própria, os outros e Deus, passando pela dor e pela alegria que tudo isto traz.

Para salvar o *eu* é preciso percorrer uma via crucis, perder o *eu* significa sacrificar a si própria para redimir-se no outro.

Seu relato pode ser considerado paixão, por ser necessário reviver os perigos que advém desta aventura, ao narrar. Talvez esteja aí, a explicação para a mão imaginária que a narradora tanto faz questão “Dá-me a tua mão” (p.98) manter-se presa, ou voltar ao seu sistema.

Antonio Candido discute as definições de personagem de costume e natureza, baseado no estudo de Johnson no século XVIII. Podemos caracterizar GH e Macabéa como personagens de natureza nas quais Candido coloca a necessidade de “mergulhar nos recursos do coração humano”

as personagens de natureza são apresentadas além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança de seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca (Candido, 1995, p.63).

As personagens claricianas nos surpreendem porque exigem a todo instante, nossa participação no sentido de interpretá-las, de viver a experiência delas.

Como podemos ver um dos momentos em, *A Hora da Estrela* não sei se é por ironia do narrador em apontar as preferências nem um pouco refinadas de Macabéa,

Macabéa gostava de filmes de terror ou de música, tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. “Não sabia que ela própria era uma suicida, embora nunca tivesse ocorrido se matar”. (1998, p.58).

Em *Paixão Segundo GH*. Podemos citar um das passagens, em que ela própria se define,

“Não quero, mas não posso me impedir de me sentir toda ampliada dentro de mim pela pobreza do opaco e do neutro. Se isso é o inferno, é o próprio paraíso, a escolha é minha. E eu serei demoníaca ou anjo, se eu for demoníaca, este é o inferno, se eu for anjo, este é o paraíso” (1998, p.139).

Para Antonio Candido “uma personagem deve ser convencionalizada, ou seja, deve de algum modo fazer parte do molde, constituir o lineamento do livro” também “a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista” (Candido, 1995, p.74,75)

Assim também como Beth Brant em seu livro *a personagem* (1998) discorre sobre este ser ficcional e seu espaço de existência que é o texto, a concepção da autora gira em torno das diferenças entre pessoa (um ser da vida real) e personagem. A autora ainda afirma que só teremos alguma noção a respeito da personagem se observarmos a construção do texto.

Quanto à autora se referir à visão Aristotélica “a personagem como reflexo de pessoa humana” depois aborda definições de personagens no século XVIII e XIX, quando o caráter psicológico e social refletidos da maneira de ser do escritor, sendo assim a personagem continua a ser estudada partindo do ser humano.

As personagens Claricianas, geralmente são mulheres, que vivem mergulhadas nos acontecimentos diários, que levam a um automatismo de suas vidas.

Partindo de situações cotidianas e que ao descontinuar da existência ganha força na prosa clariciana, porque as personagens são lançadas a revelia em um outro mundo.

Através da epifania que funciona como elemento desencadeador de todo um processo introspectivo, que irá marcar o texto da autora.

As personagens revelam-se estranhas, diante do modo peculiar de ver e entender as coisas. Este estranhamento das personagens é o que incomoda e encanta o leitor.

A epifania clariciana deixa aflorar o bizarro e o caótico da vida de cada um e isto vale para o leitor, o texto, o narrador ou as personagens, dado que, “o procedimento de estranhamento é a epifania” (Sá, 1993, p.134)

Esse estranhamento das personagens surge da constatação de que a rotina não condiz com a real existência humana. A existência das personagens é anulada diante dos padrões sociais éticos e morais criados pelo padrão dominante.

Para Olga de Sá, a epifania, ao mesmo tempo em que rasga para alguém a casca do cotidiano, é uma maneira de,

Defesa contra os desafios das descobertas internas das aventuras como ser. Por isso a epifania é sempre um momento de perigo, a borda do abismo, da sedução que espreita todas as vidas (.....) A epifania é a maneira de desvendar a vida selvagem que há sob a aparência das coisas. (Sá, 1993, p.136).

Nádia Batella fez um estudo específico sobre a vida e obras de Clarice Lispector. Uma vida que se conta (1995). E ela define as personagens de Clarice, primeiramente como seres em constante busca da identidade, e o caso de GH e Macabéa que tem em

conflito a sua própria ordem existencial, e caminha ao encontro da consciência, que pretende se libertar dos conflitos.

A identificação libertadora, ou esta espécie de via crucis, faz-se com passos bem marcados – os passos da cruz – ou em estágios que se desenvolvem em progressão da densidade e tensão até um clímax seguido de uma dissensão. (Gotlib, 1995, p.361).

No caso de GH sua *Paixão* refere-se ao processo de outro conhecimento, que implica dor, sofrimento e renúncia.

Nádia não deixa de mencionar sobre o dilema que acompanha as personagens de Clarice quando se refere a solidão como um caminho para descobrir-se “o isolamento explicita-se com função enunciativa de aproximação, reintegrando-se não pela razão, mas pela difícil experimentação do ser” (Gotlib, 1995, p.362). Em GH, ao experimentar a barata, em Macabéa, ao experimentar a Morte para saber mais da vida.

Para Antonio Candido, ele afirma sobre o conhecimento, que temos de uma pessoa real e fragmentária, no entanto as partes se solidificam numa compreensão ampla que podemos obter do ser fictício, ele coloca a possibilidade de adquirirmos uma noção maior do *homo fictus* (Foster), comparando-se ao ser vivo, relacionando a semelhança que existe entre eles.

Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base no juízo sobre o outro ser, permite mesmo, uma noção conjunta e coerente desse ser, mas essa noção é oscilante, aproximativa, descontínua. Os seres são, por natureza, misteriosos, inesperados. (Candido, 1995, p.56).

GH e Macabéa são assim, a primeira quando come a barata e a outra quando, morre e pode então refletir sobre sua vida. Este é o momento da epifania, momento da revelação, da descoberta de si mesma.

Ambas nos surpreendem, não existe, na narrativa, momento anterior aos fatos acima mencionados em que fique clara a possibilidade de eles ocorrerem. O que destoa em relação ao comportamento das personagens e tomando como exemplo GH, desde o início da narrativa nos habituamos à imagem de uma escultora tranqüila e sensata, mas que revela todo o seu interior conturbado em dado momento, o que contraria toda a expectativa que dela havíamos feito.

Antonio Candido discorre ainda sobre a personagem de ficção em relação ao leitor, que é “como se outra pessoa entrasse nelas e invadissem inesperadamente sua área de essência e de existência” (Candido, 1995, p.56) Ele afirma que as informações obtidas da personagem são o suficiente para que conheçamos a mesma e tenhamos uma idéia completa de sua vida, sendo o escritor responsável pelo seu modo de ser, a personagem se torna mais lógica e revela mais do seu interior que o próprio ser vivo.

Sobre o romance moderno, Antonio Candido, define os personagens de dois modos principais, entretanto “como seres complicados, que se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério” (Candido, 1995, p.60) Assim como em GH e Macabéa, o leitor tenta entender a falta de questionamentos da primeira e fica desmotivado pelas reflexões incessantes da segunda.

Por isso podemos dizer que GH possui conhecimento e Macabéa só tem informação. Macabéa é despossuída de tudo, dinheiro, inteligência, beleza, a jovem nordestina é usada para, por meio do contraste, oferecer identidade a GH, esta sim, possui um lugar na sociedade, reconhecida, legitimada, de onde pode realizar sua troca de conhecimento.

Ao mesmo tempo em que tem um lugar garantido pela detenção de bens simbólicos, valores gerados na sociedade, estão expostos como sendo uma qualidade natural das elites.

Refinamento ou cultura precisam de tempo livre e acesso a determinados bens e espaços para nascerem isto é, dependem de capital econômico. E o que já dissemos GH possui este conhecimento, e Macabéa só tem informações, coleciona recortes de jornais, ouve certos ensinamentos transmitidos pela rádio relógio “que dava a hora certa e cultura” e nenhuma música (Lispector, 1978, p.53) Informações para as quais Rodrigo torce o nariz, dizendo que ela nunca achará modo de aplica-las.

Essa diferença fundamental entre informações e conhecimentos, enquanto a primeira participa da ordem prática da vida, acessível a mentes mais tacanhas, a segunda se transforma numa espécie de qualidade que pode, ou não vir a ser utilizada. Conhecimento se faz capital simbólico, domínio de poucos.

Macabéa sabe que o “único animal que ano cruza com filho é o cavalo”, e que “o imperador Carlos Magno era na terra dele chamado de Carolus” (1998, p.53). GH entende de escultura, sabe das limitações de sua arte, ela tem conhecimento, através do

olhar pela janela enxerga a continuidade do mundo, vislumbra no morro do Rio de Janeiro, o deserto de Lisboa e da Palestina e além disso possui gostos refinados.

A mesa do café eu me enquadrava com meu robe branco, meu rosto limpo e bem esculpido, e um corpo simples (.....) eu comia delicadamente o meu pão, e delicadamente enxugava a boca com o guardanapo. (Lispector, 1998, p.42)

Macabéa faminta por cultura a ponto de se servir dos poucos acessos que estão a sua disposição. Ela não sabia que existiam outras línguas, ao ouvir a rádio relógio “a música se chama, uma furtiva lágrima, não sei por que eles não disseram lagrima” (1998, p.51), para ela erra um erro de português e não uma palavra estrangeira.

Macabéa passa mal quando toma um farto copo de grosso chocolate de verdade. Sonha com potes de creme para pele, que pele que nada, ela o comeria as colheradas no pote mesmo, tem anciã de vomito por adoçar o café demais no botequim para aproveitar o açúcar grátis.

Sua relação com a comida é tão estúpida quanto ela, menos quando está junto de Olímpico, usa da farinha, da carne de sol, da rapadura e do melado da infância para compartilhar a nostalgia do nordeste e marcar a identidade comum.

Enquanto Macabéa ao sentir fome a noite, masca pedacinhos de papel, “pensando em coxa de vaca”, GH brinca de fazer pirâmide de bolinhas de miolo de pão. A fome de Macabéa era apenas para aplacar a necessidade física.

Observando as figuras que participam da história da nordestina, e que são determinantes na configuração de seu destino vê-se que de certo modo todos participam um pouco de sua miséria. Se nenhuma delas sofre das privações materiais, da indigência mental e da ingenuidade de Macabéa, isso não é suficiente para dispensá-la da condenação explorados e marginalizados da sociedade.

Exercendo simplesmente o papel de peças necessárias para o funcionamento do sistema, analfabetos e semi-analfabetos, alguns, ignorantes e alienados, todos inclusive o médico. Em todos eles a ausência de qualquer sentido edificante para a existência. Nenhum tem projeto nem ideal além da existência material, para o qual só há um sentido, ganhar dinheiro, como sugere Olímpico e o médico.

A Hora da Estrela revela alguns instantes de explosão, a protagonista inicia com alguns avanços. O dinheiro emprestado, a ida ao médico, o rompimento do namoro, que sentiu pela perda de Olímpico. O passar do batom vermelho de frente ao espelho se

achando a Merylin Monroe, e a conversa com a cartomante ao transmitir-lhe palavras de futuro, tanto para a vida da autora como para a narrativa final.

Talvez o grande mistério de toda a escritura a existência do qual pode ser representada em matéria viva ou não, a escrita clariciana sempre propagou futuro com a grande certeza, a morte. O destino real para o mundo. E esse momento esta registrado na teoria de Berta Waldmam, que define a escrita de Lispector,

“....Ah, viver é tão desconfiante, tudo aperta, o corpo exige, o espírito não para. Viver parece ter sono e não poder dormir, viver é incomodo. Mas não pode andar nu, nem de corpo nem de espírito e tudo acaba, mas o que escreve continua . o que é bom muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (Lispector, 1993, p.56).

A narrativa representa o momento extremo da revelação. Macabéa depara com sua verdade, esse momento denomina-se epifania, sendo caracterizado numa ação em que manifesta espiritualmente provocado por uma experiência sempre presente e rotineira, mas que acaba determinando uma força maior e desconhecida que é a própria revelação na consciência do homem.

Na obra, Macabéa tem seu destino final, com uma condição de provar o gosto supremo de sua existência e liberdade de escolha que trilhou o seu viver. Porém Macabéa teve seu estilo próprio de viver conforme seu entendimento só consumado por inteiro no ultimo sopro de vida.

A obra é acabada com um grande final, ao qual o leitor vive um momento de reflexão “in memorian” a Macabéa, havendo uma transformação na narrativa que a autora provoca no leitor para refletir. O individuo no aspecto físico, psicológico e ambiental.

Macabéa tinha havia sido vista na rua, mas na hora da morte passa a existir para o mundo. E GH começa dizendo “estou procurando e termina, a vida se me é, e eu não entendo o que digo e então adoro” (Lispector, 1998, p.179). começa tentando entender e termina não entendendo, mas como o sistema permite que ela adore, ela adora.

RECURSOS ESTILISTICOS

A autora Clarice Lispector é o principal nome de uma tendência intimista da Literatura Moderna Brasileira. Sua escritura vai explicitar o questionamento de ser, “O estar no mundo” o intimismo, a pesquisa do homem como resultante o romance introspectivo.

Clarice Lispector na Literatura Brasileira do século XX, uma literatura dividida entre as experiências regionalistas, os relatos realistas da vida urbana, os relatos realistas da vida urbana e os exercícios conceituais da vanguarda. Nenhum desses três lugares servia a Clarice, “nem o passado romântico dos regionalistas, nem o presente fotografado pelos escritores urbanos, nem o futuro que as vanguardas anunciavam”. (Vilma Áreas, Clarice Lispector com a ponta dos dedos, p.34)

Ela não perseguia uma posição social nem abraçava um ofício, era uma escritora que desconfiava das palavras. Na prosa, Clarice brinca com as palavras, coloca como representante o seu “eu”, fala de si mesma, na tentativa e na busca de um novo ser no mundo como ela própria esclarece, “não tem pessoas que cosem para fora- eu coso para dentro”

Nesta fala fica claro que mesmo com as inovações da época, mostra seu lado diferente. Ela se destaca por adquirir um estilo diferenciado, fala do seu próprio eu. A escritora em suas próprias narrativas apropria-se de um vocabulário simples de estrutura frasal fechada.

Os personagens imaginários de Clarice, geralmente são femininos, brasileiras que vivem mergulhados em fatos do cotidiano, a autora é obcecada pelo “eu”. geralmente suas narrativas são conduzidas por personagens com identificação deferente, mas que trazem fatos como se fossem vividos pela própria escritora.

Massaud Moisés afirma, as personagens femininas são, via de regra, a própria Clarice, apenas mudando o nome (1989, p.444) .

A maneira como Clarice conduz sua narrativa é bastante coerente com seu modo de ser e o estilo da época. Sua maior preocupação não é o enredo da história, mas o que dizem as palavras, como a própria Clarice observa, Os meus livros não se preocupam com fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão no indivíduo.

Nas palavras de Antonio Candido, “tive verdadeiro choque ao ler o romance deferente de Clarice, (Perto do Coração Selvagem) escritora até aqui completamente

desconhecida para mim". Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante de levar a nossa língua canhestra para domínios pouco explorados, forçando-a adaptar-se um pensamento cheio de mistério, para o qual, se sente a ficção não é um exercício ou uma aventura efetiva, mas um instrumento real do espírito, apto a nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente" (Candido, 1992. p.98)

Sendo assim fica implícito que a autora não se preocupa com a história e sim com as impressões, rompe-se assim a narrativa referencial ligada a fatos e acontecimentos e emergem uma narrativa interiorizada centrada num momento de vivência interior da personagem ou narrador.

Ela aceita a provocação das coisas às suas sensibilidades e procura recriar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para os outros, a meta é evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem. (CANDIDO, 1992. P.99)

As obras *A Hora da Estrela* e *a Paixão Segundo GH* a autora enfoca o indivíduo como o centro de sua história, e assim trabalha seus pensamentos e sentimentos com uma técnica de escrita muito intimista, ao promover total absorção dos fatos psicológicos, em que reflete sobre o íntimo de ser.

As obras clariciana são enriquecidas de mecanismos lingüísticos em que as antíteses, paradoxos e analogias por sua ambigüidade, são recursos estilísticos de grande frequência nas suas obras dando uma nova roupagem as palavras que a cada página proporcionam um novo encontro, um sentimento diferente, diante do exprimir das palavras.

Os paradoxos representam a própria contradição do romancista para silenciar as palavras. Assim como campo e cidade que marca a trajetória de Virginia (O Lustre) e Lucrécia (Cidade Situada) e Martim (A Maça no Escuro) as duas primeiras personagens vão para a cidade, mas tem no interior seu referencial de vida, tanto é que elas não se adaptam ao novo meio e são aniquiladas por ele.

Lucrécia a São Geraldo e Virginia é atropelada na rua, a exemplo de Macabéa em *A Hora da Estrela* outra personagem inadaptável ao novo meio. Já Martim encontra no campo refugio para a fuga de si próprio e é reconduzida a cidade após o fracasso de sua tentativa de libertação. Tanto no enredo quanto no discurso, a contradição tem presença cativa na obra da autora.

Por mais que o romance se desligue voluntariamente da história, ele interioriza as carências, as projeções utópicas e os dilemas da sociedade em que se inscreve. E quando a carga conflitiva dos dilemas aumenta, o romance passa a expor a consciência dilacerada e a falta de inteireza da existência humana, dilacerando-se também a sua estrutura. (WALDMAN 1981, p. 44)

A escritura clariciana deixa transparecer certa inquietação pela falta de respostas para as indagações da linguagem e do próprio homem. Mas é justamente a falta de respostas que motiva o ato da escritora, como atesta o narrador Rodrigo SM de *A Hora da Estrela* “enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever” (Lispector, 1998. p. 11)

Nas obras claricianas fica implícita uma linguagem reveladora da preocupação de Clarice com a existência humana. Escritura, linguagem e existência são vértices de um mesmo triângulo na sua obra, o que leva o sujeito da escritura a refletir e questionar, se este ser, se expressa não é o mesmo que vive no real, então quem sou eu_

O que é a existência do ser real, e do ser da linguagem_ e mais, o que é existir_ “Na obra de Clarice o que há é uma íntima união entre a existência e a linguagem” (OLGA DE SÁ. p. 52)

Para Áreas, a sedução dos textos de Clarice não deriva somente do inacabado, mas pelo fato do leitor ser admitido democraticamente a dar opinião e julgar por sua conta e risco na corda bamba da diluição das dicotomias clássicas problematizada pelo narrador, burrice/inteligência, concreto/abstrato, loucura/lucidez, mentira/verdade. São questões que se afastam da mera exigência da diversão da leitura ou da versatilidade das histórias.

Seu estilo lembra Machado de Assis é arrastado, anda devagar, porque a sua preocupação é desvendar a verdade subjacente em cada um, mascarada pela casca da rotina. A calma e o ritmo pausado nos fazem entrar no mundo de suas personagens. As ações se desenrolam lentamente e o narrador volta e meia, as interrompe para fixar a sua e nossa atenção em elementos circunstanciais e periféricos.

Suas narrativas não são lineares, a história pode começar de um ponto qualquer, não segue o tempo cronológico de sua vida real, e são fragmentados unidos uns aos outros pela intervenção do narrador, seu texto se dispersa em comparações históricas e citações bíblicas, a ironia também se faz presente em suas obras.

Machado recria, em seus romances, o mundo carioca e brasileiro, suas histórias são casos do dia-a-dia vivida por pessoas comuns. Assim como Clarice trouxe inovações a nossa Literatura tanto na temática, quanto na estrutura narrativa.

A percepção do mais insondável do ser humano, este é o aspecto da ficção clariciana, onde o banal, o belo, o grotesco, o sublime mescla-se numa linguagem, que reflete, omite revela e deixa transparecer o homem em sua agonia e alegria de vida assim a narrativa de Clarice cria a atmosfera que evoca os mais contraditórios sentimentos das pessoas.

O sentir torna-se o meio mais eficaz de absorvê-la. Além de Machado e Clarice terem vários pontos em comum em suas narrativas, Machado também trouxe inovações para literatura. Machado desmascara o mundo romântico.

A literatura começa alterar seu perfil, a defesa e exaltação do casamento passa ser uma crítica e a denúncia de adultério, aos salões requintados elegantes e finos seguiam-se ambientes pobres e miseráveis.

Ao amor espiritual e metafísico seguiu-se a descoberta do sexo, a linguagem exuberante seguiu-se a contenção de formas, a tentativa de exatidão e detalhes. O romance produzido para divertimento, seguiu-se o romance engajado na luta social e política por um mundo mais justo e igualitário, a literatura de lazer virou literatura de denúncia, do romantismo, do naturalismo, para o realismo, foi este panorama fecundado pela literatura machadiana.

Machado em suas obras

reflete esta sociedade esta sociedade dura e desapiedada, preconceituosa quanto a cor e posição social, sem nenhuma tradição política (...) pois conta nas suas obras a verdadeira realidade, desmistificando nossa fama de povo democrático e não violento. (Lapelo e Campedelli. 1980. p. 103)

A autora Clarice Lispector, desenvolve assim, uma linguagem cíclica, segundo Olga de Sá “é cobra que engole o próprio rabo”

Os seus textos, salvo exceções não tem começo, meio e fim, pelo menos de forma tradicional. O aspecto espaço temporal sofre, em sua obra, um processo de aglutinação dispersão em graus variados, provocando também a desestruturação da linearidade da narrativa tradicional.

Sobre esta visão, o desfecho de um romance pode exigir a leitura do início deste, como continuidade do que foi lido, instaurando desta forma, o processo cíclico, pois os textos claricianos não iniciam, irrompem, não terminam, silenciam. Este caráter continua de sua prosa é o que pode ser denominado de linguagem rotativa. Este processo também acontece com as obras machadianas.

Exemplo do personagem *Rubião* do romance *Quincas Borba* que já aparecera em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, havendo um elo entre um romance e outro.

A linguagem clariciana tem uma tendência natural de silêncio, por isso a sua escritora apresenta maneira própria de ser escrita e de ser lida, a escritora consciente do processo fala de seu procedimento criativa.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca, a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que pescou a entrelinha, poder-se ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia, a não palavra ao morder a isca, incorporou-a, o que salva então é escrever distraidamente. (Lispector, 1973. p.21)

Outro fator importante na escritura clariciana, ela não se preocupa com espaço exterior, ela se concentra no espaço mental das personagens, suas obras predominam o tempo psicológico, visto que o narrador seque o fluxo de consciência e o monólogo anterior das personagens.

Sua literatura não é realista, mas simbólica, na medida em que o texto é o instaurador de seus próprios referentes e não se interessa em refletir o mundo exterior de um trabalho mimético. –nas transparências aparecem a realidade real, trabalham sobre uma realidade simbólica. – ao texto especular, realista e simples, Clarice prefere o texto expressionista, simbólico e complexo (SANTANA,..... p.180).

Devido o fato de trabalhar com uma escritura diferenciada, chega a ser comparada a Virginia Woolf por seu estilo introspectivo.

Outro procedimento existente na escritura clariciana é a epifania, é um momento que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência e que fará despertar para vida e situações que em outro momento não fariam a menor diferença.

No sentido literário a epifania é o momento privilegiado da revelação, quando acontece um evento ou incidente que ilumina a vida da personagem. (CAMPEDELLI, 2001. p. 274)

Pode ser compreendida num sentido num sentido místico-religioso,

Epifania é o aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual e é neste sentido que a palavra aparece descrevendo a aparição de Cristo, aos gentios. (AFONSO ROMANO SANTANA, 1987.....)

A epifania também se faz presente nas obras de *Guimarães Rosa*. Tanto Clarice como Guimarães desempenham através da epifania um papel fundamental em sua ficção, pode ser observado na descrição destes momentos, o elemento de despersonalização, mas de forma contrastada.

Porém, enquanto Guimarães Rosa a epifania tende para algo que vai além do sujeito, sendo marcado pela transcendência, em Clarice presenciamos uma direção contrária, no sentido de regresso à simples existência orgânica, comum a toda a matéria viva. (ABDALA JR. 2004. p.185)

Em Clarice a epifania torna-se um orgulho no íntimo do ser em busca de matéria prima de sua humanidade, tendo como exemplo em *A Paixão Segundo GH* em que a narradora personagem passa por sucessivas transformações até compreender que ela e a barata ocupam o mesmo plano antológico.

Nesta ótica mística a protagonista pode provar do inseto como se provasse da sua própria essência.

Quero encontrar em mim a mulher de todas as mulheres. A outra a barata é uma barata entre as baratas. Há 350 milhões de anos povoando os porões de nossas casas. A mulher e a barata essas duas espécies arcaicas, refletem-se mutuamente naquilo que tem de jóia rara, ornamento luxuoso nesta civilização do inútil. (GOTLIB, 1995. p.360)

As personagens claricianas e Roseana passam por experiências epifânicas por casos banais do dia-a-dia, um animal, um olhar, uma palavra etc.”experimentam uma sensação de percepção alterada da realidade, cujo sabor continua presente mesmo depois do aparente regresso a um estado anterior” (ABDALA, 2004. p.175)

A epifania também se faz presente na ficção de Graciliano Ramos em, *Vidas Secas*, mas de forma contrastada de Clarice “Graciliano trabalha muito mais no nível do consciente enquanto Clarice desenvolve uma escritura centrada no inconsciente” (SANTANA, ...p.191)

Em, *A Hora da Estrela* a epifania acontece, quando Macabéa ao sair da casa da cartomante é atropelada pelo carro do suposto estrangeiro que se apaixonara por ela. Macabéa cai no chão, bate com a cabeça na calçada, e passa a perceber tudo o que passa a sua volta, que até então, tudo passava despercebido.

A isto também chamamos epifania, no sentido de revelação. Nesse ponto Clarice mediante uma técnica literária, faz com que a experiência vivida por Macabéa reflita, como uma espécie de espelho, uma experiência vivida pelo narrador.

Simbolizando este momento de profundo aprendizado do narrador, era como se ela chegasse cada vez mais no fundo de si e se enxergasse naquele momento de uma maneira totalmente nova, talvez neste momento tenha passado a existir.

Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentava, virgem que era ao menos intuira, pois só agora que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher. Intuira o instante quase dolorido e ofuscante do desmaio do amor. Sim doloroso reflorescimento tão difícil, que ela empregava nele o corpo e a outra coisa que vós chamais e que eu chamo o que. (LISPECTOR, 1998 p. 845)

Para Olga de Sá (1993) uma outra característica da obra clariciana é a náusea. Ao contrapor os dois modos de existência, o antes, de caráter alienante, o novo modo de ver a vida, é provocar a angustia do ser, manifestada fisicamente através da náusea, o enjôo e o tédio, sendo a náusea, a ocorrência mais freqüente em, Clarice Lispector.

Sofrer a náusea é doloroso, mas é necessário aquilo que impede a manifestação da verdade existencial. Ao se encontrar diante do absurdo de se alienar a existência, a versão torna-se caótica, estranha.

O conhecimento da verdadeira condição humana diante da organização social provoca a reação orgânica contra esta violência à natureza do ser, explicitado na náusea, no enjôo ou no vomito.

Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjôo de estomago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas (...) vejo que ela vomitou um pouco de sangue,

vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago. Vitória. (LISPECTOR, 1998. p.85)

E como se através do vomito ela pudesse se libertar e colocar para fora tudo aquilo que a anula enquanto pessoa.

GH também passa pelo mesmo processo, ao esmagar a barata, a náusea pela barata desafia GH e abre uma das mais extensas introspecções da obra clariciana, levando a personagem ao descobrimento da existência como verdade suprema. O clímax da narrativa é quando tomada pela certeza de estar comendo a vida.

“Aquilo era inegavelmente a vida” (Lispector, 1998 p.119), resolve provar a massa branca da barata, e através desse ato simbólico GH abre mão dos valores sociais, como a beleza, pois a barata, como representação do grotesco, faz com que o conceito de belo para GH seja anulado, levando a perceber que perdeu o medo do feio, “por enquanto o primeiro prazer tímido que estou tendo é o de constatar que perdi o medo do feio” (Lispector, 1998 p.21)

Assim como GH abstem-se do seu social como falsos valores e com a hipocrisia do mundo, o acúmulo da civilidade. Ela se conscientiza da distancia entre o “eu” social e o “eu” existencial.

Sobre a questão existencial não vamos aprofundar, em nosso trabalho. Mas com base da filosofia de Heidegger, visualiza o homem em um processo de auto descoberta, ou seja, a procura de definição sobre si mesmo, voltando-se desta forma, para o pensamento que será o caminho para o encontro com seus sentidos e de funções, (...) Pensar é o modo de ser do homem, no sentido da dinâmica de articulação de sua existência. Pensando o homem é ele o mesmo, sendo outro. (Heidegger, 2001 p.15)

Os sentidos levam o homem a conhecer-se para si, chega estado de angustia, e deste estado de angustia, estará apto para analisar sua existência, considerando todos os fatores que o cercam.

“A angustia retira o homem do cotidiano e o reconduz ao encontro de si mesmo. A angustia surge da tensão entre o que é e daquilo que virá a ser, como dono de seu próprio destino” (CHAUI, 1997 p. 325)

Nesta ótica é o homem que tem como o objeto de reflexão a si mesmo, em busca e conquista de sua identidade. E por meio de Macabéa que Rodrigo SM questiona o tempo todo a sua existência, e esse mesmo questionamento apresenta em GH é o

momento em que conseguem refletir sobre todo o seu percurso e analisa cada passo dado dentro da busca individual por um sentido de existência, ambos apresentam pontos em comum em relação ao existencialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura crítica das obras “A Paixão Segundo GH e A Hora da Estrela” percebemos que suas personagens são femininas, que através delas a autora fala de si própria, a autora extrapola os limites da experiência pessoal da mulher e de seu ambiente familiar.

Os temas tratados por ela são universais e essencialmente humanos. Temáticos como as relações do eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares, e, sobretudo da linguagem são abordados pela autora intimista e psicológica.

Suas narrativas são intimistas por trabalhar com sentimentos, pensamentos, pelos fatos psicológicos em que reflete sobre o íntimo do ser. As obras claricianas são enriquecidas de mecanismos lingüísticos, em que a antítese, paradoxo, analogia são recursos de grande frequência em suas obras.

Os paradoxos representam a própria contradição da romancista para silenciar as palavras, assim como Macabéa, é despossuída de tudo, dinheiro, inteligência e beleza, a jovem nordestina é usada para por meio do contraste, oferecer a identidade de GH, que ela possui um lugar na sociedade, reconhecido e legitimado, de onde pode realizar suas trocas de conhecimento, apresentando assim a desigualdade social, cultural e econômica.

A linguagem clariciana tem uma tendência natural ao silêncio, sua literatura não é realista, mas simbolista, tendo como fundo a epifania que se torna o mergulho no íntimo do ser em busca da matéria prima de sua humanidade, percebemos este processo também nas obras e machadianas.

Na obras citadas há uma forma de contraste enquanto as obras claricianas atestam com maior ênfase a epifania, nas obras machadianas e roseanas há uma elevação, algo que vai além do sujeito.

Os romances claricianos apresentam-se introspectivos por sua narrativa, fugindo do padrão convencional ao tratar dos problemas do ser consigo mesmo e com o mundo.

Constatamos também em relação as personagens que GH e Macabéa atendem as características empregadas pelo existencialismo. A relação destes personagens com o

processo de estar em constante busca do ser autêntico, visando conhecer-se e encontrar-se consigo mesmo, na medida em que haja ruptura com seu cotidiano, voltando-se ao seu interior e as questões existenciais, nas quais estão inseridas.

Portanto, apesar de termos abordado vários aspectos das obras claricianas, não foi possível abordar todas que ainda poderiam ser abordadas, pois trata-se de assuntos complexos, e a cada leitura descobrimos um fato novo, e ainda há muito a se descobrir nestas obras. É o que Clarice mesma diz no início de sua obra *A Paixão segundo G.H.*..... eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, Junior Benjamim. **Portos Flutuantes, Transição**. Ibero Afro, São Paulo. Atica, 2004.
- BENJAMIM, Walter. **O Narrador** In. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural 1976.
- BRAIT, Beth. **A Personagem** 6 ed. São Paulo. Atica, 1996
- CANDIDO, Antonio. **A Personagem do Romance**. In. A Personagem da Ficção. 9. ed. São Paulo. Perspectiva, 1995
- _____. **Brigada Ligeira**. São Paulo, Unesp, 1992.
- _____. **No Raiar de Clarice Lispector**. ps.125 a 191, São Paulo, 1970.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 9. ed. São Paulo. Atica, 1997
- CAMPADELLI, Samira Yussef e Benjamim Abdala Junior. **Clarice Lispector. Literatura Comentada**. S/D
- GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice, Uma Vida que se Conta**. 2. ed. São Paulo, Atica, 1995.
- GUINDIN, Márcia Lígia, **Roteiro de Literaturas, A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector. São Paulo. Atica, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I 8. ed. Petrópolis ed Vozes, 1999
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998
- _____. **A Paixão Segundo GH**, Rio de Janeiro. Rocco, 1998.
- LAJOLO, Mariza. **Machado de Assis, Literatura Comentada**. São Paulo, 1980.
- NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem**. Uma Leitura de Clarice Lispector. São Paulo. Atica, 1989.
- SÁ, Olga de, **A Escritura de Clarice Lispector**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1993.
- WALDMANN, Berta. **Clarice**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- SCHULER, Donaldo. **Teoria do Romance**. 8,ed. São Paulo. Atica, 2000.